

I – Introdução

Contabilidade Geral

Os objectivos fundamentais desta disciplina dizem respeito, sobretudo, à determinação da situação patrimonial da empresa (composição e valor do património) e apuramento dos resultados globais (através da comparação dos custos e proveitos por natureza).

Principais características da Contabilidade Geral:

- É essencialmente patrimonialista;
- É histórica, isto é, apresenta resultados à posteriori (passados e inalteráveis);
- Atende sobretudo às solicitações de ordem financeira, jurídica e fiscal;
- Não acompanha o movimento interno respeitante às funções de produção, aprovisionamento, comercial, etc.

Principais insuficiências da Contabilidade Geral:

- Não permite analisar as condições internas de exploração, nem o seu controle com base no cálculo de custos e proveitos das várias funções, divisões, secções e postos de trabalho da empresa;
- Não permite apurar os custos e os resultados dos produtos fabricados, nas várias fases do processo produtivo;
- Não permite o planeamento e controle das actividades, uma vez que os proveitos e os custos são apurados por natureza (despesas com pessoal, fornecimentos e serviços externos, etc.) e com base em dados históricos à posteriori.
- Não permite a resposta a questões como:
 - De que modo se repartem os custos pelos serviços e produtos fabricados pela empresa?
 - Qual a rendibilidade dos departamentos e dos produtos?
 - Haverá possibilidade de reduzir o custo industrial de um determinado produto?
 - Qual a evolução dos custos e proveitos de uma determinada secção ou divisão?
 - Qual a rendibilidade das vendas?
 - Qual a estrutura de custos dos produtos? Como evolui no tempo?
 - Haverá necessidade de produzir um certo tipo de bem ou será preferível adquiri-lo no exterior?

A contabilidade geral é, por conseguinte, insuficiente para dar resposta às necessidades de informação para a gestão. Na verdade trata-se de uma contabilidade do passado, cujas informações têm falta de actualidade e estão submetidas a normas rígidas (regras de valorimetria, apresentação dos documentos de prestação de contas, etc.)

Surge assim a necessidade de outro tipo de contabilidade, virada não para o exterior da empresa mas para o seu interior.

Esta contabilidade interna também se designa por contabilidade analítica ou contabilidade de gestão.

Contabilidade analítica:

- É o ramo da contabilidade que visa dar a conhecer resultados parcelares, por produtos e por departamentos.
- É elaborada atendendo a regras de gestão e princípios económicos.
- Permite formular orçamentos, controlar execuções e medir desvios.
- Concentra-se no parcelar. Procura determinar resultados por partes.

Objectivos da contabilidade analítica

- Valorização dos produtos fabricados ou vendidos. Esta informação vai permitir:
 - A fixação de preços de venda competitivos e rentáveis.
 - A valorimetria de certos elementos activos como as existências (matérias-primas, subsidiárias, produtos acabados e produtos em vias de fabrico) e as imobilizações corpóreas
- O controle das condições internas de exploração
- Proporcionar a informação básica para o estabelecimento de previsões racionais, de modo a permitir a elaboração de orçamentos e planos.
- Proporcionar a informação básica para a realização de estudos de viabilidade económica da empresa.
- Fornecer aos gestores as informações necessárias que contribuam para a escolha da melhor alternativa que vise a resolução de problemas, nomeadamente os seguintes:

- Comprar ou produzir na empresa?
- Quais os produtos que a empresa deve fabricar? E em que quantidades? Quando?
- Quais as melhores zonas geográficas para venda dos produtos?
- A que preços devem ser os bens vendidos?

Para atingir os seus objectivos a contabilidade analítica deve seguir os seguintes requisitos:

- Ser objectiva e reflectir com clareza a realidade empresarial observada
- Estar estruturada e ser utilizada de acordo com as necessidades sentidas
- As informações que fornece devem ser claras, precisas, suficientes e oportunas
- As informações a obter devem ser rentáveis, isto é, os custos que comportam devem ser cobertos pelos proveitos que originam.

Contabilidade industrial ou de custos

“É uma técnica administrativa respeitante à predeterminação, verificação, relevação, imputação, controle, análise e demonstração de custos e resultados de gestão”.

Santino Furlan

“É a tradução em unidades monetárias de todo o processo tecnológico da empresa, visando o apuramento e o controle de custos de cada produto e a determinação de resultados parciais”

Professor Gonçalves da Silva

“É a parte da contabilidade que trata da definição, agrupamento, controle e atribuição de custos e que:

- Fornece dados para medir resultados e avaliar existências
- Fornece informações para o controle das operações
- É a base para o planeamento e tomada de decisões.”

Backer e Jacobsen

Contabilidade analítica

“É uma técnica de análise dos custos e dos proveitos de uma empresa que tem por objectivo:

- A Valorização dos bens produzidos e vendidos
- O controlo das condições internas de exploração.”

A. Rapin e J. Poly

“É a parte da contabilidade destinada a por em evidência os elementos constitutivos dos custos e resultados que mais interesse têm para a direcção das empresas.”

Pierre Lauzel

“É a parte da contabilidade que consiste em determinar por ramos de actividade, produtos, serviços, clientes ou por outros elementos normais ou extraordinários:

- O montante das vendas
- O conjunto dos custos correspondentes e comparar os proveitos e os custos de cada uma daquelas categorias, com o fim de obter o lucro ou prejuízo.”

Charles Brunet

“A contabilidade analítica de exploração é concebida para por em relevo os elementos constitutivos dos custos e dos proveitos que apresentam maior interesse para a gestão e que possibilitem:

- A determinação do preço de venda
- O exame das condições internas de exploração (análise dos encargos e sua evolução, comparação dos encargos com as previsões)
- Fornecer à empresa as bases de avaliação dos elementos patrimoniais.”

Plano Contabilístico Francês

A contabilidade analítica versus contabilidade geral

Critérios de Comparação	Contabilidade Geral	Contabilidade Analítica
Face à lei	Obrigatória	Facultativa
Ponto de vista da empresa	Global	Pormenorizado
Horizontes	Passado	Presente/Futuro
Documentos de base	Externos	Externos e Internos
Classificação dos encargos	Por natureza	Por funções
Objectivos	Financeiros	Económicos
Regras	Rígidas e normativas	Maleáveis e evolutivas
Utilizadores	Terceiros e Direcção	Todos os responsáveis – gestores
Natureza da informação	Precisa, certificada e formal	Rápida, pertinente, aproximada

Capítulo II

Conceitos Fundamentais

Capítulo II - Conceitos Fundamentais1

Aula n.º 3 - Sumário

■ Capítulo II – Conceitos Fundamentais

■ 2.1 - Definição de Custo

■ 2.2 - O custo tecnológico e o custo monetário

■ 2.3 - Os diferentes estádios do custo

Capítulo II - Conceitos Fundamentais2

Bibliografia Principal

■ Caiado, António Pires (2002): Contabilidade de Gestão, Áreas Editora, Lisboa – **Capítulo II**

Capítulo II - Conceitos Fundamentais3

Conceitos Fundamentais

Empresas:



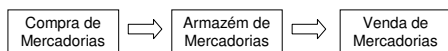
- Comerciais
- Industriais
- Prestação de serviços

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

4

Conceitos Fundamentais

■ Ciclo das Empresas Comerciais:



Capítulo II - Conceitos Fundamentais

5

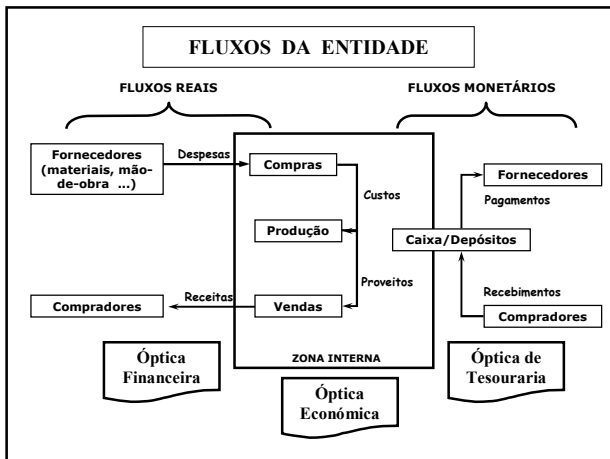
Conceitos Fundamentais

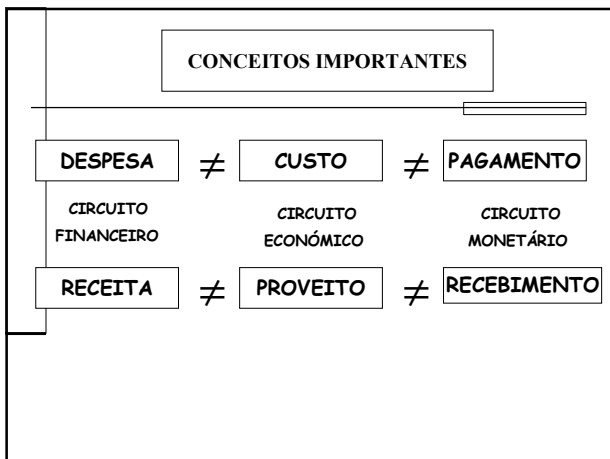
■ Ciclo de fabrico das Empresas Industriais

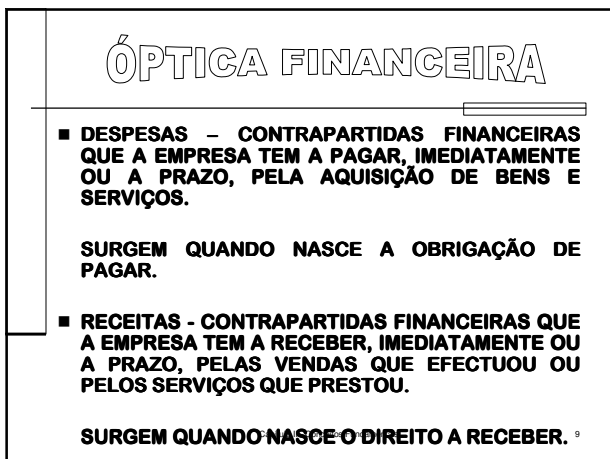


Capítulo II - Conceitos Fundamentais

6







ÓPTICA ECONÓMICA

- **CUSTOS** – EXPRESSAM O CONSUMO OU UTILIZAÇÃO DE FACTORES PRODUTIVOS PARA A OBTENÇÃO DE BENS OU SERVIÇOS.
- **PROVEITOS** – IDENTIFICAM-SE COM OS PRODUTOS ACABADOS DE FABRICAR, INDEPENDENTEMENTE DA SUA VENDA.

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

10

ÓPTICA DE TESOURARIA

- **PAGAMENTOS – SAÍDAS DE MEIOS MONETÁRIOS DA EMPRESA.**
- **RECEBIMENTOS - ENTRADAS DE MEIOS MONETÁRIOS NA EMPRESA.**

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

11

Custo

- A palavra sugere a ideia de esforço, sacrifício, dispêndio ou gasto efectuado para obter alguma coisa ou alcançar determinado objectivo.
- Pode definir-se como o consumo real ou previsto de **factores de produção** para a obtenção de um bem ou serviço.

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

12

Conceitos Fundamentais

■ **Objecto de Custo:**

É aquilo de que se calcula o custo, a entidade a que o custo diz respeito.

■ Os custos podem referir-se:

- a um produto (ou grupo de produtos);
- a um serviço;
- a um processo de fabrico;
- a um departamento da empresa.

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

13

Conceitos Fundamentais

■ **Custo Tecnológico ou material**

Consumo real ou previsto de factores de produção para a obtenção de um bem ou serviço, medido em termos de **quantidades físicas**.

■ **Custo monetário**

É a atribuição de valores ao custo tecnológico.

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

14

2.3 – Os diferentes estádios do custo

- **No custo dum produto podem distinguir-se várias fases ou estádios:**

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

15

Estádios do Custo

■ Custo primo ou fundamental ou directo

Custo das matérias consumidas acrescido da mão-de-obra utilizada exclusivamente na transformação das mesmas.

$$\text{Custo Primo} = MP_c + MOD$$

■ Custo de transformação

Custo que se tem a transformar a matéria-prima em produto final.

$$\text{Custo Transformação} = MOD + GGF$$

Estádios do Custo

■ Custo Industrial (CI) ou de Fabrico

Somatório de todos os gastos ou consumos avaliados em dinheiro impostos pela fabricação.

$$\text{Custo Industrial (CI)} = MP_c + MOD + GGF$$

Estádios do Custo

- Pode haver produtos em vias de fabrico no fim do período. Se assim acontecer, os custos debitados na conta "fabricação" respeitam não só aos produtos acabados no período mas também aos que, no fim do período, se encontram por terminar.

- É preciso distinguir os que se referem a uns e a outros. O custo dos produtos acabados é transferido para a respectiva conta de existências, restando na conta "fabricação" os que respeitam aos produtos em vias de fabrico.

Estádios do Custo

■ Custo Industrial dos Produtos Acabados (CIPA)

Custo da produção (produtos acabados)

■ CIPA unitário – Custo de cada produto produzido

$$\text{CIPA} = \text{CI} + \text{Ei pvf} - \text{Ef pvf}$$

Estádios do Custo

■ Custo Industrial dos Produtos vendidos (CIPV)

Custo pelo qual os produtos saem do armazém de Produtos Acabados.

$$\text{CIPV} = \text{CIPA} + \text{Ei PA} - \text{Ef PA}$$

Relatório de Custeio

EI (+)
Compras (+)
EF (-)

=

MPc (+)
MOD (+)
GGF (+)

=

CI (+)
EIPVF (+)
EFPVF (-)

=

CIPA (+)
EIPA (+)
EFPA (-)

=

CIPV – Custo pelo qual os produtos saem do armazém de PA

Estádios do Custo

■ Custo Comercial (ou complexo)

Equivale ao preço, abaixo do qual, se vende com prejuízo. Preço venda mínimo.

Inclui todos os custos suportados até à venda do produto.

$$\text{Custo Comercial} = \text{CIPV} + \text{CV} + \text{CA} + \text{CF}$$

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

22

Estádios do Custo

■ Custo Económico – técnico (ou completo)

Ou preço de venda normal.

Custo Económico (Técnico) = C. Comercial + Gastos Figurativos

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

23

Estádios do Custo

■ Outros:

$$\text{Lucro Bruto} = \text{Vendas} - \text{CIPV}$$

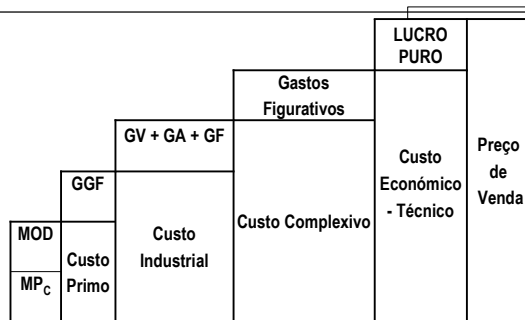
$$\text{Lucro Líquido} = \text{Vendas} - \text{Custo Comercial}$$

$$\text{Lucro Puro} = \text{Vendas} - \text{Custo Económico}$$

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

24

Estádios de Custo



Capítulo II - Conceitos Fundamentais

25

DR por funções

	Produto A	Produto B
Vendas		
CIPV		
MB		
GV		
GA		
GF		
Resultado = RAI		

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

26

Objectivos

- Definir custo
- Saber distinguir custos, proveitos, despesas, receitas, recebimentos e pagamentos
- Identificar os diferentes estádios do custo

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

27

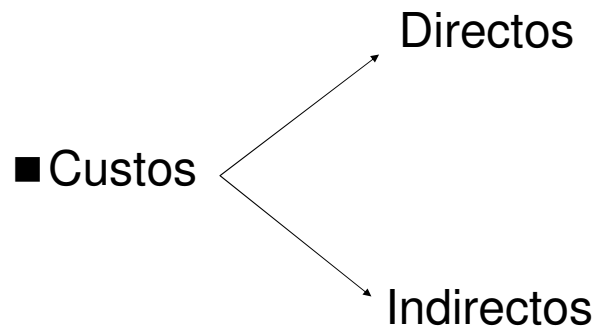
Aula n.º 7 - Sumário

- II – Conceitos fundamentais (continuação)
 - 2.4 – Custos directos e indirectos
 - 2.5 – Custos reais e pré-determinados
 - 2.6 – Os custos do produto e custos do período
 - 2.7 – Os custos e as quantidades produzidas
- Ficha II-D

Bibliografia Principal

- Caiado, António Pires (2002): Contabilidade de Gestão, Áreas Editora, Lisboa – **Capítulo II**
- Pereira, Carlos Caiano e V. Domingos Seabra (2001): Contabilidade Analítica, 6ª edição, Rei dos Livros, Lisboa - **Capítulo 2**

Custos Directos e Indirectos



Capítulo II - Conceitos Fundamentais

3

Custos Directos e Indirectos

- **Custos directos (ou de imputação directa)**
São aqueles que se relacionam de forma clara com o seu objecto de custo.

Em relação a um produto concorrem directamente para o seu fabrico.
- São considerados em regra, custos directos em relação aos produtos:
 - Custo das matérias-primas consumidas
 - MOD

Capítulo II - Conceitos Fundamentais

4

Custos Directos e Indirectos

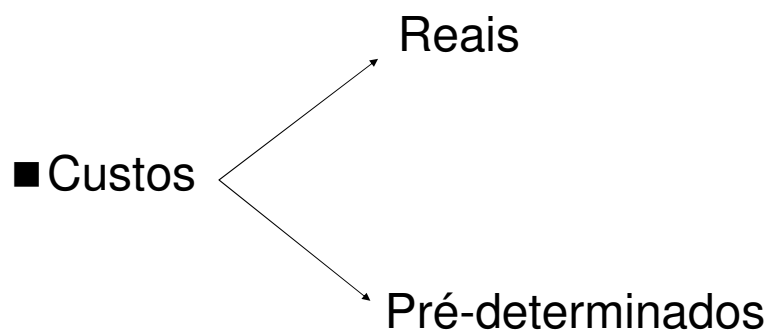
■ Custos indirectos (ou de imputação indirecta)

São aqueles que não se relacionam de forma clara com o seu objecto de custo.

Em relação a um produto concorrem indirectamente para o seu fabrico.

A impossibilidade de atribuir directamente estes custos aos produtos implica que tenham de ser imputados através de critérios, nem sempre muito objectivos.

Custos Reais e Pré-determinados



Custos Reais e Pré-determinados

■ Custos Reais ou históricos

São os custos efectivamente suportados.

São custos históricos, determinados à posteriori, com base nos valores aplicados e registados na contabilidade.

Custos Reais e Pré-determinados

■ Custos Pré-determinados ou básicos

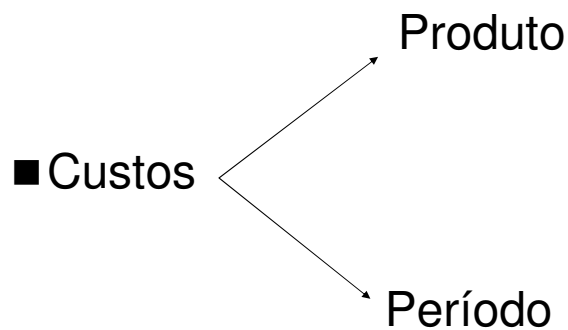
- São custos teóricos, definidos à priori para valorização interna das matérias, produtos e serviços prestados.
- Estes custos determinam-se com base em registos reais anteriores e em estudos de mercado.

Custos Reais e Pré-determinados

■ Os custos básicos dividem-se em:

- Custos padrões ou standard;
- Custos orçamentados;
- Preços de mercado;
- Custos de empresas similares.

Custos do produto e custos do período



Custos do produto e custos do período

■ Custos do produto

- É a soma de todos os custos referentes ao ciclo de fabrico. Envolve três componentes: MP_C , MOD e GGF.
- Custos necessários à fabricação dos produtos.

Custos do produto e custos do período

- Dá origem a dois tipos de produtos: produtos acabados e produtos em curso.
- O custo de um produto pode conter custos de períodos diferentes.
- Só os custos industriais são inventariáveis.
- Só na altura em que os produtos são vendidos é que os custos dos produtos passam a ser custos de períodos.

Custos do produto e custos do período

■ Custos do período

- É a soma de todos os custos suportados no período para obtenção dos proveitos e que não respeitam ao processo de fabrico.
- Custos realizados pela empresa durante um determinado período e que não estão incluídos no custo dos produtos.

Custos do produto e custos do período

- O CIPV é, um custo do período, pois só na altura em que os produtos são vendidos é que os custos dos produtos passam a ser custos de períodos.

Custos do produto e custos do período

Os custos não industriais



CV



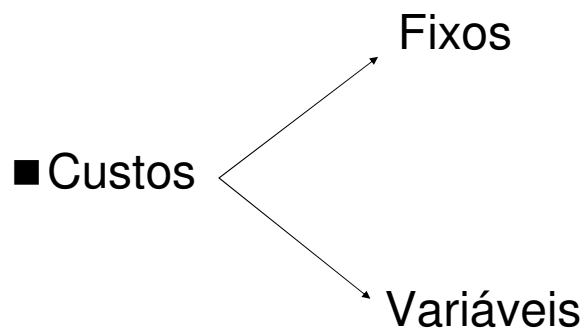
CA



CF

Não são inventariáveis, não entram na valorização das existências, pelo que são custos do período.

Os custos e as quantidades produzidas



Custos fixos e variáveis

■ Custos fixos (encargos de estrutura ou capacidade)

- São aqueles que estão ligados à estrutura da empresa, não variam com o volume de produção.
- São aqueles que tendem a variar com o tempo e não com os níveis de actividade.
- Exemplos:
 - GGF fixos (rendas, seguros, amortizações, MOI)
 - CV Fixos, CA Fixos

Custos fixos e variáveis

■ Custos variáveis (ou de actividade)

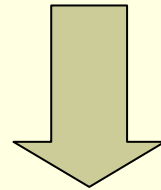
- São aqueles que estão directamente relacionados com o volume de produção ou venda e variam no mesmo sentido, podendo ser proporcionais, progressivos ou degressivos.
- Exemplos:
 - Consumo de MP
 - MOD
 - GGF variáveis
 - CV variáveis

Objectivos

- Classificar os custos segundo várias ópticas
- Relacionar os custos com as quantidades produzidas

Conceitos Fundamentais

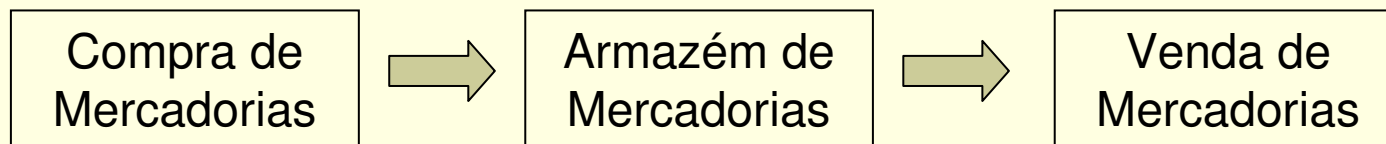
Empresas:



- Comerciais
- Industriais
- Prestação de serviços

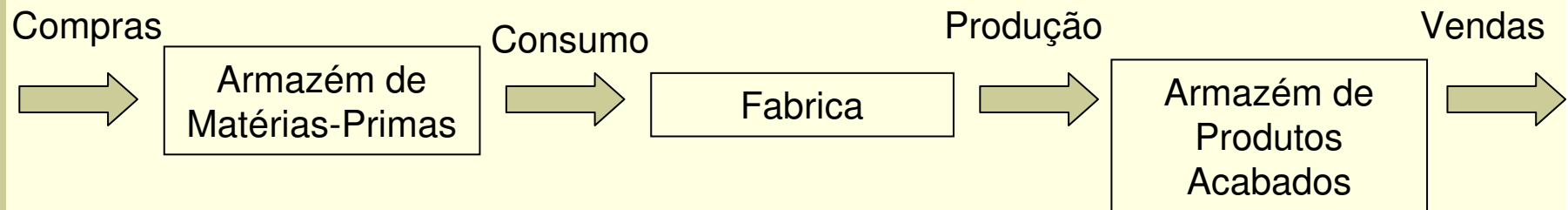
Conceitos Fundamentais

■ Ciclo das Empresas Comerciais:



Conceitos Fundamentais

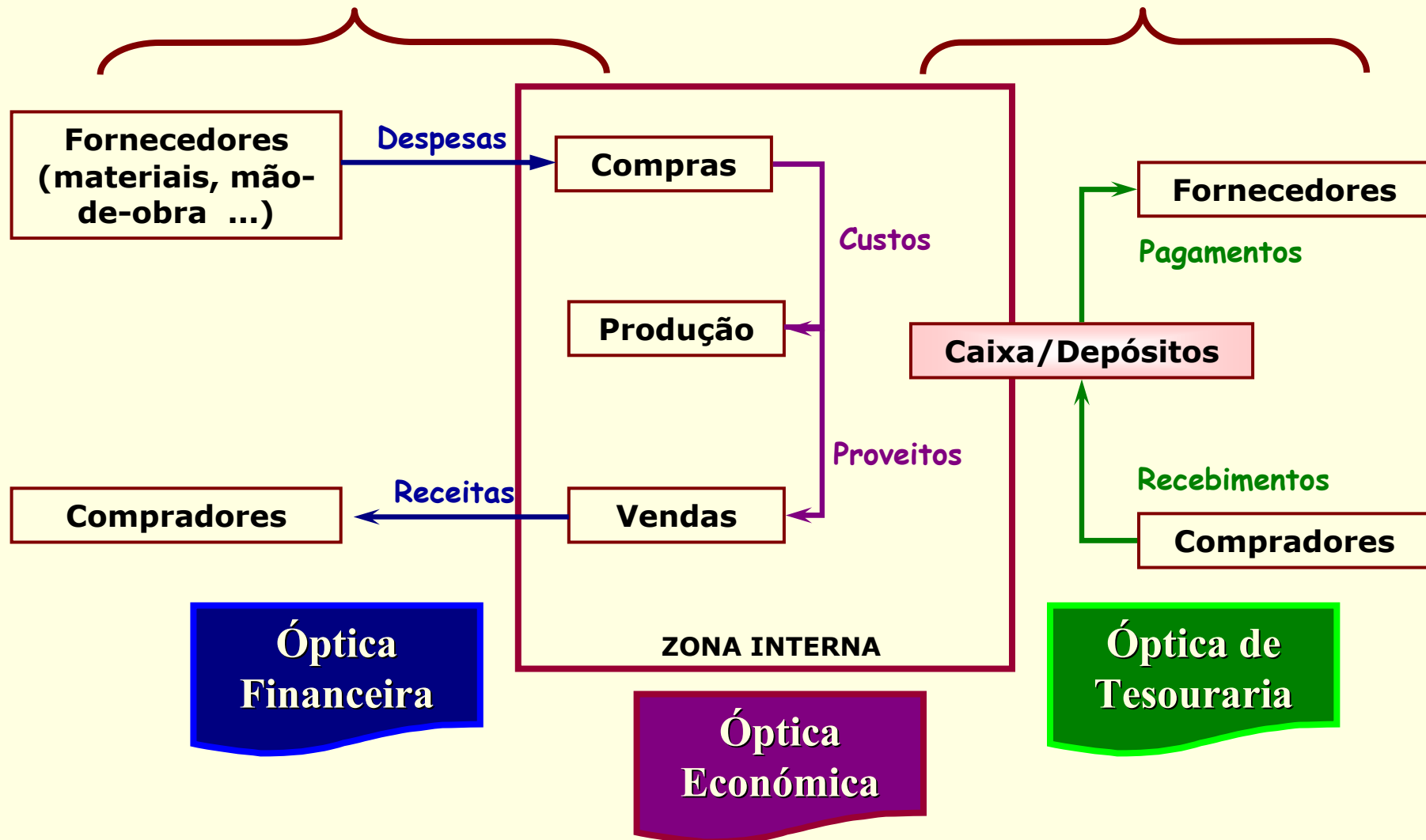
■ Ciclo de fabrico das Empresas Industriais



FLUXOS DA ENTIDADE

FLUXOS REAIS

FLUXOS MONETÁRIOS



CONCEITOS IMPORTANTES

DESPESA

$\neq$

CUSTO

$\neq$

PAGAMENTO

CIRCUITO
FINANCEIRO

CIRCUITO
ECONÓMICO

CIRCUITO
MONETÁRIO

RECEITA

$\neq$

PROVEITO

$\neq$

RECEBIMENTO

Relatório de Custeio

EI (+)

Compras (+)

EF (-)

=

MPc (+)

MOD (+)

GGF (+)

=

CI (+)

EIPVF (+)

EFPVF (-)

=

CIPA (+)

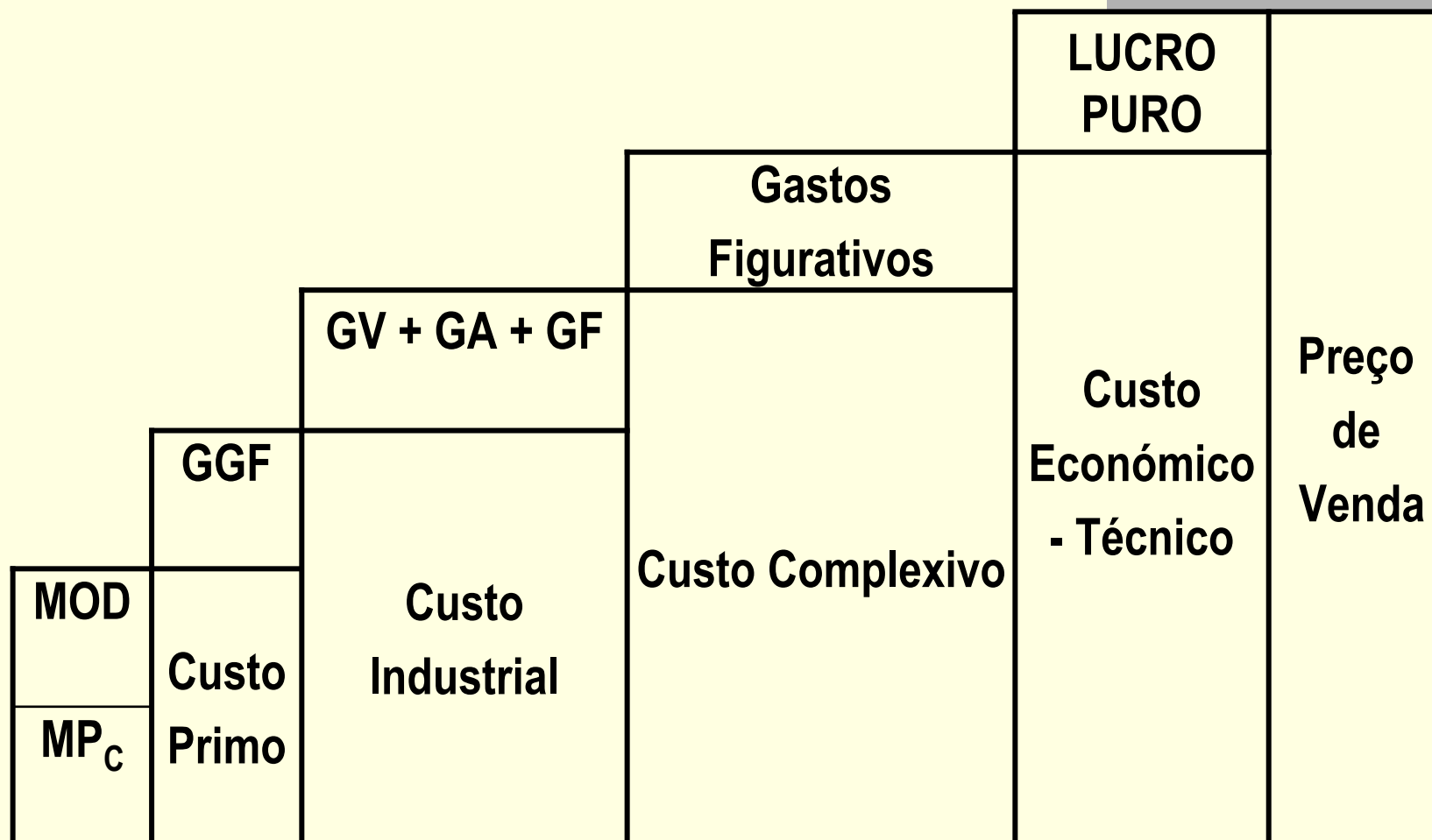
EIPA (+)

EFPA (-)

=

CIPV – Custo pelo qual os produtos saem do armazém de PA

Estádios de Custo



Aula n.º 10 - Sumário

- III – Análise dos componentes do custo de produção
 - 3.1 – Matérias
 - Exercícios Complementares
 - Ficha 5

1

Capítulo III

Análise dos componentes do custo de produção

2

3.1 - Matérias

3

Bibliografia Principal

- Caiado, António Pires (2002): Contabilidade de Gestão, Áreas Editora, Lisboa – **Capítulo III**
- Pereira, Carlos Caiano e V. Domingos Seabra (2001): Contabilidade Analítica, 6ª edição, Rei dos Livros, Lisboa - **Capítulo 3**

4

Componentes do custo de produção

- O custo industrial de um produto abrange:
 - Custo das matérias-primas incorporadas;
 - Mão-de-obra aplicada;
 - Gastos Gerais de Fabrico.

5

3.1. Matérias

- Todos os produtos que a empresa adquire com o objectivo de transformar noutros produtos ou servirem de apoio a essa transformação.
- As primeiras constituem as **matérias-primas**, enquanto que as últimas designam-se por **matérias subsidiárias**.

6

3.1. Matérias

- **Matérias directas:** são as matérias cujo consumo se pode relacionar fácil e directamente com o fabrico do produto (**com possibilidade de imputação directa**).
- **Matérias indirectas** – são aquelas que constituem um custo comum a diversos produtos e em relação às quais se torna economicamente inviável a individualização produto a produto.
- Exemplos: combustíveis, lubrificantes, pequenas ferramentas.

7

Valorização das Entradas

- Relativamente às **entradas**, as existências devem ser valorizadas pelo **preço de custo**, consistindo este em todos os encargos (preço de factura, custos de transporte, seguros) deduzidos dos descontos comerciais obtidos.
- Para além do custo de factura deverão considerar-se os custos de transporte, recepção, conferência, movimentação e armazenagem.
- **Os custos de aprovisionamento devem ser imputados às matérias (produtos)** que passam por ⁸armazém.

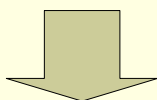
Critérios de Valorimetria das Saídas

- Custos históricos
 - Custo específico ou originário
 - Custo cronológico directo – FIFO
 - Custo cronológico inverso – LIFO
 - Custo médio ponderado
- Custos apriorísticos (ou básicos)
 - Custo Básico

9

Valorização das Saídas

- As existências finais não devem ser valorizadas a custos básicos mas sim a custos reais



Correcção

10

Aula n.º 12 - Sumário

- III – Análise das componentes do custo de produção
 - 3.2 – Mão-de-obra
- Ficha 6

1

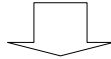
Bibliografia Principal

- Pereira, Carlos Caiano e V. Domingos Seabra (2001): Contabilidade Analítica, 6ª edição, Rei dos Livros, Lisboa - **Capítulo 3 (página 124 a 128)**

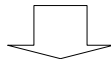
2

Objectivo

Custo da mão-de-obra



Taxa horária real corrigida



Imputação dos custos da mão-de-obra

3

3.2 Determinação do custo Mão-de-obra

■ **O custo da mão-de-obra abrange:**

- Remunerações processadas ao trabalhador
- Encargos sociais suportados pela entidade patronal

4

Tipos de Remunerações

■ Fixas:

- Remuneração mensal
- Subsídio férias
- Subsídio natal ou 13º mês
- Subsídio isenção horário

■ Variáveis:

- Horas extraordinárias
- Comissões
- Prémios produtividade / assiduidade

5

Tipos de Remunerações

■ Encargos patronais obrigatórios:

- Segurança social
- Seguro acidentes de trabalho e doenças

■ Descontos sobre remunerações:

- Segurança social
- Retenção IRS
- ...

6

Encargos a periodificar

■ Encargos sociais:

- Mês de férias
- Subsídio de férias
- Subsídio de natal
- Descontos para a segurança social
- Seguro de acidentes de trabalho
- Pensões de reforma e invalidez
- Formação profissional

**Outros
Encargos**

7

Custo horário

■ Deve incluir:

- Remuneração mensal;
- Restantes remunerações fixas;
- Todos os encargos patronais.

- **Dividindo este custo global pelo número de horas de trabalho teremos o custo horário.**

8

Exemplo: Custo Horário Real Corrigido

- Admitindo que os ordenados da empresa são 1.000 €/mês, temos:
- **A – Ordenados durante o período de trabalho**
 - 11 meses x 1.000 € = 11.000 €

9

Exemplo: Custo Horário Real Corrigido

- **B – encargos sociais**
 - Remuneração durante as férias – 1.000 €
 - Subsídio de férias – 1.000 €
 - Subsídio de natal – 1.000 €
 - Segurança social (taxa 23,75) – 3.325 €
 - Seguro de AT – 385 €
 - Outros encargos – 990 €
- Total = 7.700 €

10

Exemplo: Custo Horário Real Corrigido

■ **C - % encargos a periodificar** = $B / A = 0,7$

■ Admitindo que o trabalhador auferiu o ordenado mensal de 405 € e trabalhou no mês em causa 100 horas no produto A e 50 horas no produto B, calcule:

- A) Taxa horária real corrigida;
- B) Imputação dos custos da mão-de-obra.

11

Exemplo

■ **Custo Global**

- Ordenado: 405 €
- Encargos periodificados (70%): 283,5 €

$$\text{Custo Horário} = \frac{405 + 283,5}{150 \text{ h}} = 4,59$$

■ **Imputação aos produtos:**

- A: $4,59 \times 100 = 459 \text{ €}$
- B: $4,59 \times 50 = 229,5 \text{ €}$
- **Total = 688,5**

12

Conclusão

- Tem que se determinar a % de encargos a periodificar e adicionar mensalmente os encargos periodificados ao ordenado a fim de se poder dispor do custo global do trabalhador.

13

Aula n.º 13 - Sumário

- Conclusão da resolução da ficha 6
- III – Análise das componentes do custo de produção.
 - 3.3 – Gastos Gerais de Fabrico
 - 3.4 – Imputação de GGF (base única e base múltipla)
 - Exemplos práticos

14

Gastos Gerais de Fabrico (GGF)

- São custos comuns a toda a produção da fábrica pelo que existem dificuldades na sua repartição
- A impossibilidade de atribuir directamente estes custos aos produtos implica que tenham de ser imputados através de critérios nem sempre muito objectivos.

15

Gastos Gerais de Fabrico (GGF)

- **Subdivide-se os GGF em:**
 - Matérias indirectas
 - MOI
 - Outros custos de produção indirectos

16

Gastos Gerais de Fabrico (GGF)

■ Matérias indirectas

- Combustíveis
- Lubrificantes
- Pequenas ferramentas

17

Gastos Gerais de Fabrico (GGF)

■ MOI

- Ordenados
- Encargos sociais

18

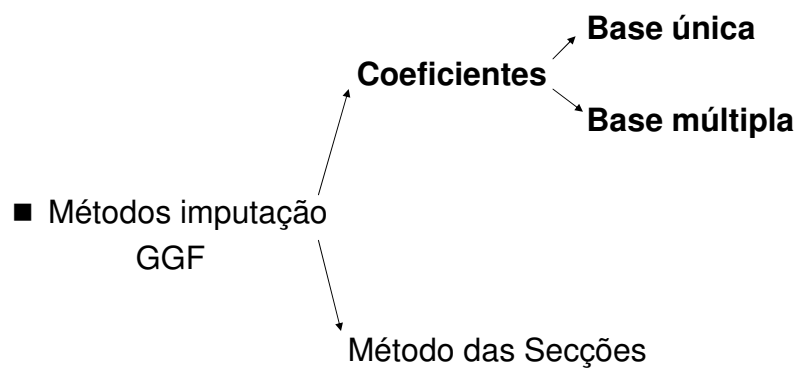
Gastos Gerais de Fabrico (GGF)

■ Outros gastos

- Água
- Electricidade
- Rendas
- Amortizações
- Seguros

19

Imputação dos GGF



Coeficiente ou quota de imputação

$$\text{Coeficiente imputação} = \frac{\text{GGF}}{\text{Base imputação}}$$

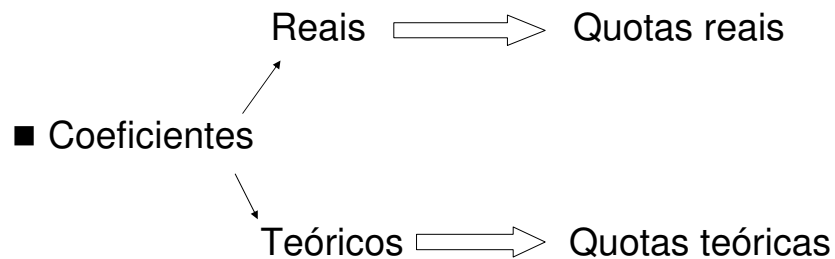
21

Exemplos de Bases de imputação:

- kg de matéria-prima consumida;
- Valor da matéria-prima consumida;
- Horas de MOD;
- Custo da MOD;
- Número de unidades fabricadas;
- Horas de trabalho das máquinas;

22

Coeficientes de imputação



23

Quotas Reais e Quotas Teóricas

- Os coeficientes de imputação dos GGF dizem-se reais ou teóricos consoante se baseiam na actividade e nos gastos efectivos de um período que findou ou na actividade e nos gastos pré-estabelecidos dum período futuro.
- Muitas vezes, não se torna prático aguardar os valores reais, pelo que é necessário calcular quotas com base em estimativas ou previsões – **quotas teóricas**

24

Exemplo

	Produto A	Produto B	Total
MP	1500 kg	2000 kg	
	0,7 € kg	0,25 € kg	
MOD	300 h	400 h	
	1 € h	1 € h	
GGF			450 €

Calcule o custo industrial de cada produto sabendo que a base de imputação dos GGF são os kg de matéria-prima consumida.

Aula n.º 20 – Sumário:

- 2.7 – Os custos e as quantidades produzidas
 - Custos semi-variáveis: métodos de determinação da parte fixa e da parte variável
- Ficha 11
- 4 – Sistemas de custeio
 - 4.1 O custeio total
 - 4.2 O custeio variável
 - 4.3 O custeio racional
 - 4.4 Reconciliação das diferenças de resultados

1

Material disponibilizado:

- 1 Artigo (sistemas de custeio)
- 1 Exemplo
- Teste 15/01/2000 – 1ª Parte – Grupo III
- Exame 18/06/2005 – Grupo 3
- Teste 13/03/2004 – Grupo 3

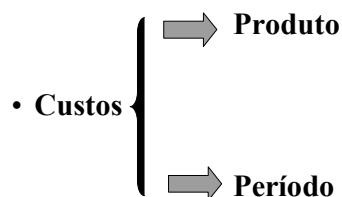
2

Bibliografia Principal

- Pereira, Carlos Caiano e V. Domingos Seabra (2001): Contabilidade Analítica, 6ª edição, Rei dos Livros, Lisboa - **Capítulo 3 (144 a 153) e Capítulo 6 (373 a 394)**

3

Custos do produto e custos do período



4

5.1 CUSTOS COMPLETOS E CUSTOS INCOMPLETOS

Custos completos ➡ São aqueles que incluem no custo do objecto de custo todos os gastos que lhe dizem respeito.

Custos incompletos ➡ São aqueles que incluem no custo do objecto de custo apenas alguns dos gastos que lhe dizem respeito.

5

Síntese

- Em todos os exemplos que até agora apresentámos, considerámos como custos dos produtos todos os custos industriais ou de produção.
- Introduziremos agora métodos de custeio da produção em que não se consideram como custos dos produtos a totalidade ou parte dos custos fixos industriais.

6

SISTEMAS DE CUSTEIO

Para determinar o Custo Industrial podem assim utilizar-se três sistemas de custeio:

- Sistema de custeio total ou custeio por absorção;
- Sistema de custeio variável ou “direct costing”;
- Sistema de custeio racional.

7

SISTEMAS DE CUSTEIO

Sistema de custeio total

Considera como custo do produto todos os custos industriais, quer sejam fixos ou variáveis.

É um sistema de custos completos.

8

Sistema de Custeio Total (SCT)

- As existências de produtos acabados são avaliadas pelo custo total de produção (custos industriais fixos e variáveis são custo do produto).
- Independentemente do sistema de custeio adoptado, os **custos não industriais**, são **sempre custos do período**.
- Em qualquer dos sistemas de custeio, os **custos variáveis industriais** são **sempre custos do produto**.

9

Aula n.º 21 e 22 – Sumário:

- Conclusão da aula anterior
- Teste 15/01/2000 – 1ª Parte – Grupo III
- Resolução da Ficha 12

10

DR no SCT

- Vendas
- CIPV
- Margem Bruta
- Gastos Venda
- Gastos Administração
- Resultado

11

SISTEMAS DE CUSTEIO

Sistema de custeio variável

Considera como custo do produto apenas os custos variáveis industriais, obrigando à separação dos gastos em fixos e variáveis.

É um sistema de custos incompletos.

12

SISTEMAS DE CUSTEIO

Características do custeio variável:

- Só considera como custos do produto os custos variáveis industriais
- Os custos fixos industriais são considerados custos do período
- As existências de produtos acabados são avaliadas apenas pelo custo variável de produção. Os custos fixos industriais não são inventariáveis.
- Permite calcular a margem de contribuição

13

DR no SCV

- Vendas
- CIPV variável
- MB variável
- GV variáveis
- GA variáveis
- Margem Cobertura
- CF
- Resultado

14

SISTEMAS DE CUSTEIO

Sistema de custeio racional

Sistema de custeio em que se considera custo do produto não só os custos variáveis industriais como também a parte dos custos fixos industriais proporcionais à actividade real da empresa em relação à actividade normal

15

SISTEMA DE CUSTEIO RACIONAL

- O custo da produção acabada inclui os custos variáveis industriais mais a parte dos custos fixos industriais que não sejam custos de sub actividade.
- Não engloba os custos fixos correspondentes à capacidade não utilizada (custos período).
- As existências de produtos acabados são avaliados pelo custo variável da produção e a parte dos custos fixos industriais incorporados.

16

SISTEMAS DE CUSTEIO

Coefficiente de imputação racional

$$\frac{\text{Actividade real}}{\text{Actividade normal}}$$

17

SISTEMAS DE CUSTEIO

Custo da capacidade aproveitada

Custos fixos industriais incorporados:

$$\text{Custos fixos industriais} \times \frac{\text{Actividade real}}{\text{Actividade normal}}$$

18

SISTEMAS DE CUSTEIO

Custo da capacidade desperdiçada

Custos fixos industriais não incorporados:

$$\text{CF Industriais} \times \left(1 - \frac{\text{Actividade real}}{\text{Actividade normal}} \right)$$

19

SISTEMAS DE CUSTEIO

A parte dos custos fixos industriais que não é imputada aos produtos é considerada como custo do período e figura na demonstração de resultados com o nome de “custos não incorporados”.

20

DR no SCR

- Vendas
- CIPV com imputação racional dos CF industriais
- MB
- CF industriais não incorporados
- GV
- GA
- Resultado

21

Teste 15/01/2000 – 1ª Parte – Grupo III

A empresa **Beta** dedica-se ao fabrico do produto **X**, tendo apresentado o seguinte detalhe de custos em relação ao mês de Dezembro findo (valores em contos):

	Fixos	Variáveis
Custos industriais	9.000	18.000
Gastos de venda	4.200	4.800
Gastos administrativos	5.700	300

No mês fabricaram-se 100.000 unidades e venderam-se 90.000 ao preço de venda unitário de 500 escudos.

PRETENDE-SE:

Elabore a demonstração de resultados do período em causa:

1. Pelo sistema de custeio total;
2. Pelo sistema de custeio variável;
3. Comente a diferença de resultados, se for caso disso.

22

SISTEMAS DE CUSTEIO – EXEMPLO 1

- Custos industriais variáveis unitários – 0,635 €
- Custos industriais fixos – 8.400 €
- GV variáveis unitários – 0,04 €
- GV fixos – 900 €
- GA variáveis unitários – 0,055 €
- GA fixos – 1.200 €
- Preço venda unitário – 1,9 €

	1º Semestre	2º Semestre
Vendas	10.000	15.000
Produção	15.000	10.000

23

SISTEMAS DE CUSTEIO – EXEMPLO 1

Pretende-se:

- Demonstração de resultados em SCT e SCV para os dois semestres
- Reconciliação das diferenças de resultados

Nota: considere o FIFO como critério valorimetria

24

Diferenças entre os dois sistemas

	SCT	SCV	SCT - SCV
1º Semestre	4000	1200	2800
2º Semestre	4250	7050	-2800

25

Aula n.º 26 - Sumário:

- 5 – Relações entre custo – volume – resultado
 - 5.1 – Planeamento resultados com as análises CVR
 - 5.2 – Ponto crítico das vendas
 - 5.3 – Impacto das mudanças dos preços de venda e de custo nas vendas de equilíbrio
 - 5.4 – A margem de segurança como medida de risco
 - 5.5 – O Grau de Alavanca Operacional. Sensibilidade dos resultados a alterações no volume de vendas
- Exercício

1

Bibliografia Principal

- Pereira, Carlos Caiano e V. Domingos Seabra (2001): Contabilidade Analítica, 6ª edição, Rei dos Livros, Lisboa – **Capítulo 6**
- Caiado, António Pires (2002): Contabilidade de Gestão, Áreas Editora, Lisboa – **Capítulo VIII**

2

Rendibilidade de Exploração e a Teoria do CVR

- Na análise da situação económica de uma empresa recomenda-se a aplicação da teoria do Custo-Volume-Resultado (C.V.R.);
- Explicar a evolução da rendibilidade de exploração pelas alterações do nível de actividade, através da utilização de instrumentos próprios.

3

Pressupostos da Teoria CVR:

- Custos Totais (CT) = CF + CV;
- Os Custos Variáveis são proporcionais relativamente ao nível da actividade;
- Os Custos Fixos mantêm-se inalteráveis ao longo do tempo independentemente do nível de actividade;
- O Pvu, o CVu e os CF totais mantêm-se constantes durante o período em análise;
- A produção é igual às vendas.

4

Margem Contribuição ou Cobertura

- Montante ou % das vendas que sobra para cobrir os CF e obter um determinado resultado.

$$MC = \text{Vendas} - CV$$

$$MC \% = \frac{V - CV}{V}$$

$$MCu = Pvu - Cvu$$

5

CUSTO-VOLUME-RESULTADO

Ponto crítico das vendas

É o nível de vendas que cobre a totalidade dos custos, tornando o resultado nulo.

6

CUSTO-VOLUME-RESULTADO

Ponto crítico em quantidade:

$$Q_0 = \frac{CF}{P_{vu} - C_{vu}}$$

Ponto crítico em valor:

$$V_0 = \frac{CF}{1 - \left(\frac{C_{vu}}{P_{vu}}\right)} \quad V_0 = Q_0 \times P_{vu}$$

7

CUSTO-VOLUME-RESULTADO

Margem de segurança

Representa a distância entre o nível de actividade alcançado pela empresa e o Ponto Crítico.

Representa o potencial decréscimo que pode ocorrer nas vendas antes de se verificar prejuízo operacional.

8

Margem de Segurança

- Relativamente à **Quantidade**

$$Ms = \left(\frac{Q - Q_0}{Q} \right) \times 100$$

- Relativamente ao **Valor**

$$Ms = \left(\frac{V - V_0}{V} \right) \times 100$$

9

Margem de Segurança

$$Ms = \left(\frac{1200 - 1000}{1200} \right) \times 100 = 16,66666667\%$$

A Ms indica-nos a quantidade de vendas em termos percentuais que podemos perder até atingir um resultado nulo

$$1200 \times 16,66666667\% = 200$$

10

Grau Económico de Alavanca

- Permite medir o **efeito económico de alavanca**, i.e., o impacto que uma dada variação ocorrida nas vendas provoca no resultado de exploração.
- Se o GEA é igual a 2, por exemplo, significa que uma variação nas vendas de 5% origina uma variação nos resultados operacionais de 10%.

$$GEA = \frac{MC}{Re\ sultado}$$

11

Grau Económico de Alavanca

- O efeito económico de alavanca resulta unicamente da existência de **CF** (quando não existem CF o GEA = 1).
- O GEA desde que ocorram todos os pressupostos da teoria do CVR e se manifeste o efeito económico de alavanca (existência de CF), é sempre superior à unidade.

12

Risco Económico

- Uma empresa apresentará um Risco Económico tanto maior quanto:
 - **Mais elevado o Ponto Crítico** (exige à empresa um maior esforço para o alcançar, principalmente em épocas de recessão);
 - **Mais baixa a Margem de Segurança** (maior proximidade do nível de vendas actual em relação ao ponto crítico);
 - **Maior o GEA** (maior a sensibilidade dos RE face às variações positivas ou negativas das Vendas).

13

Exercício

14

- A empresa Chama Grande, produtora de isqueiros produziu e vendeu 45.000 unidades em 2004 ao preço de venda de 0,2 €.
- A margem de cobertura foi de 30% e o resultado cifrou-se em 255 €, sendo de 75% a capacidade utilizada.
- Para o ano de 2005 tem como objectivo o aproveitamento integral da capacidade instalada e a redução de 5% do preço de venda.
- Sabendo que se deverão manter constantes os custos variáveis unitários e os encargos fixos totais, calcule:
 1. O ponto crítico das vendas, a Ms e o GEA de 2004
 2. O resultado previsto para o ano de 2005
 3. Que preço de venda deveria propor para 2005 se tivesse como objectivo duplicar o resultado de 2004.

15

Sumário:

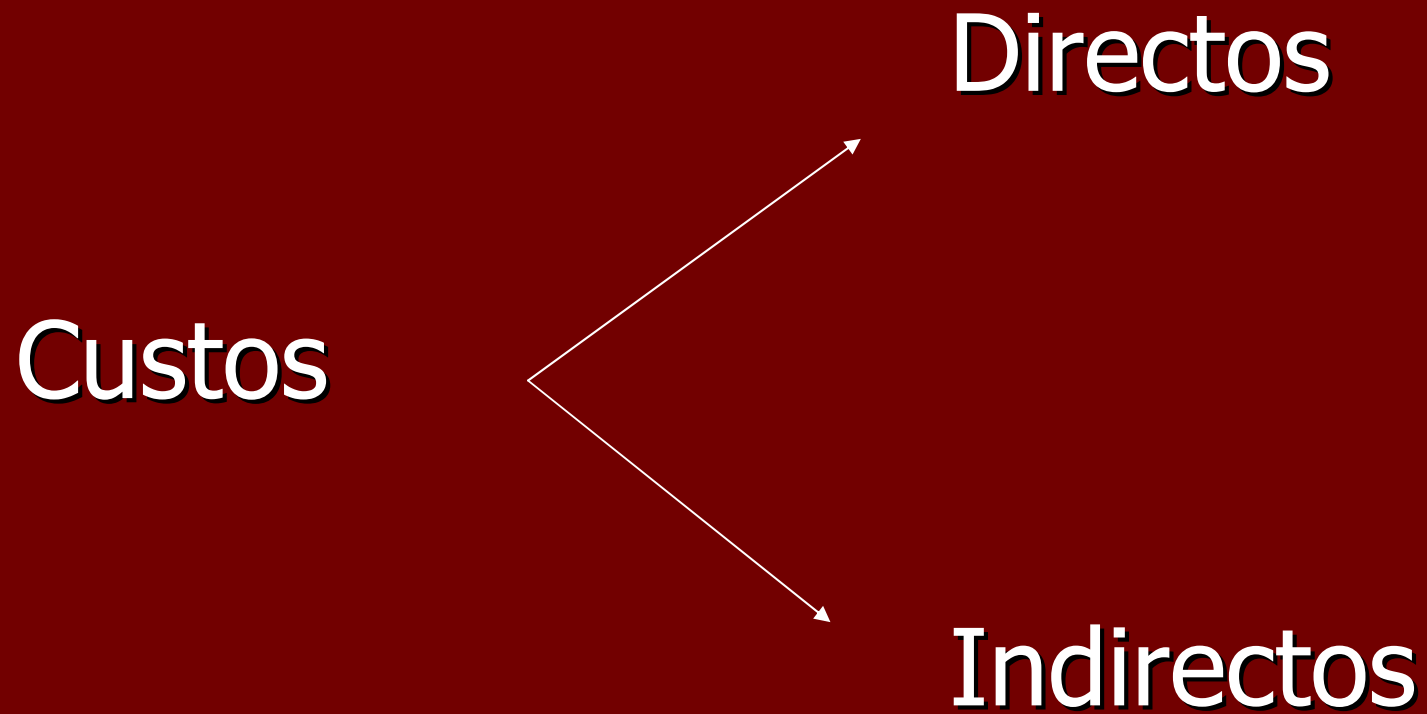
■ VI – Centros de custos

- 6.1 – Divisão funcional dos gastos de exploração;
- 6.2 – A noção de secção homogénea e a gestão da empresa;
- 6.3 – Definição contabilística de secção homogénea;
- 6.4 – Classificação das secções;
- 6.5 – Caracterização do método das secções homogéneas.
- Teste 13/3/2004 – Grupo IV

Bibliografia Principal

- Caiado, António Pires (2002): Contabilidade de Gestão, Áreas Editora, Lisboa – **Capítulo VI**
- Pereira, Carlos Caiano e V. Domingos Seabra (2001): Contabilidade Analítica, 6ª edição, Rei dos Livros, Lisboa
 - **Capítulo 2; Ponto 2**
 - **Capítulo 5**

Custos Directos e Indirectos



Imputação dos GGF

- Métodos imputação
GGF

Coeficientes

Base única

Base múltipla

Método das Secções Homogéneas

CENTROS DE CUSTOS

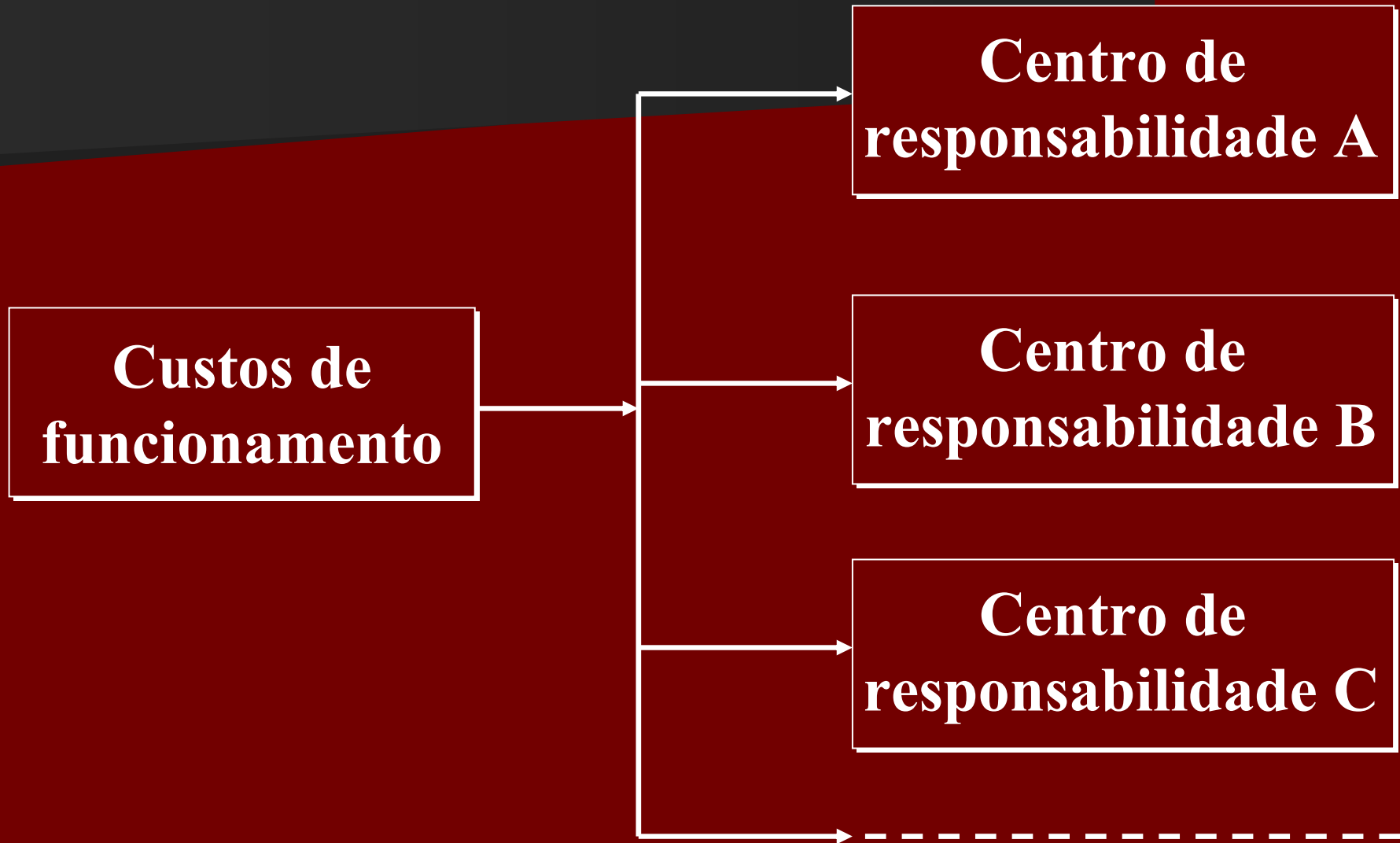
Centro de Responsabilidade

É cada um dos segmentos organizacionais, dirigido por uma única pessoa, que assume a responsabilidade do seu sector perante os objectivos alcançados ou não.

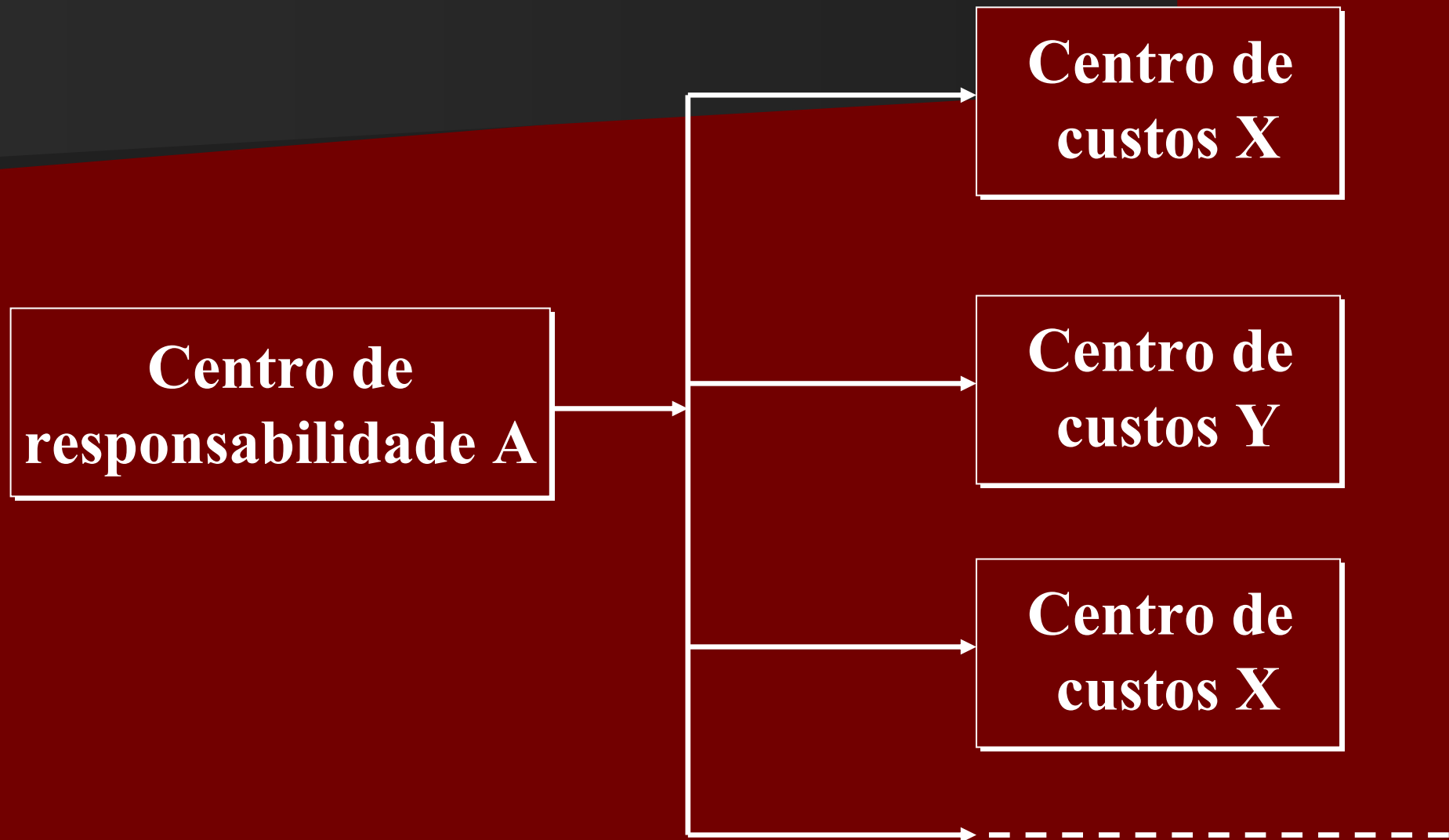
Centros de Custos

São unidades contabilísticas nas quais os centros de responsabilidade podem ser decompostos.

REPARTIÇÃO DOS CUSTOS DE FUNCIONAMENTO POR CENTROS DE RESPONSABILIDADE



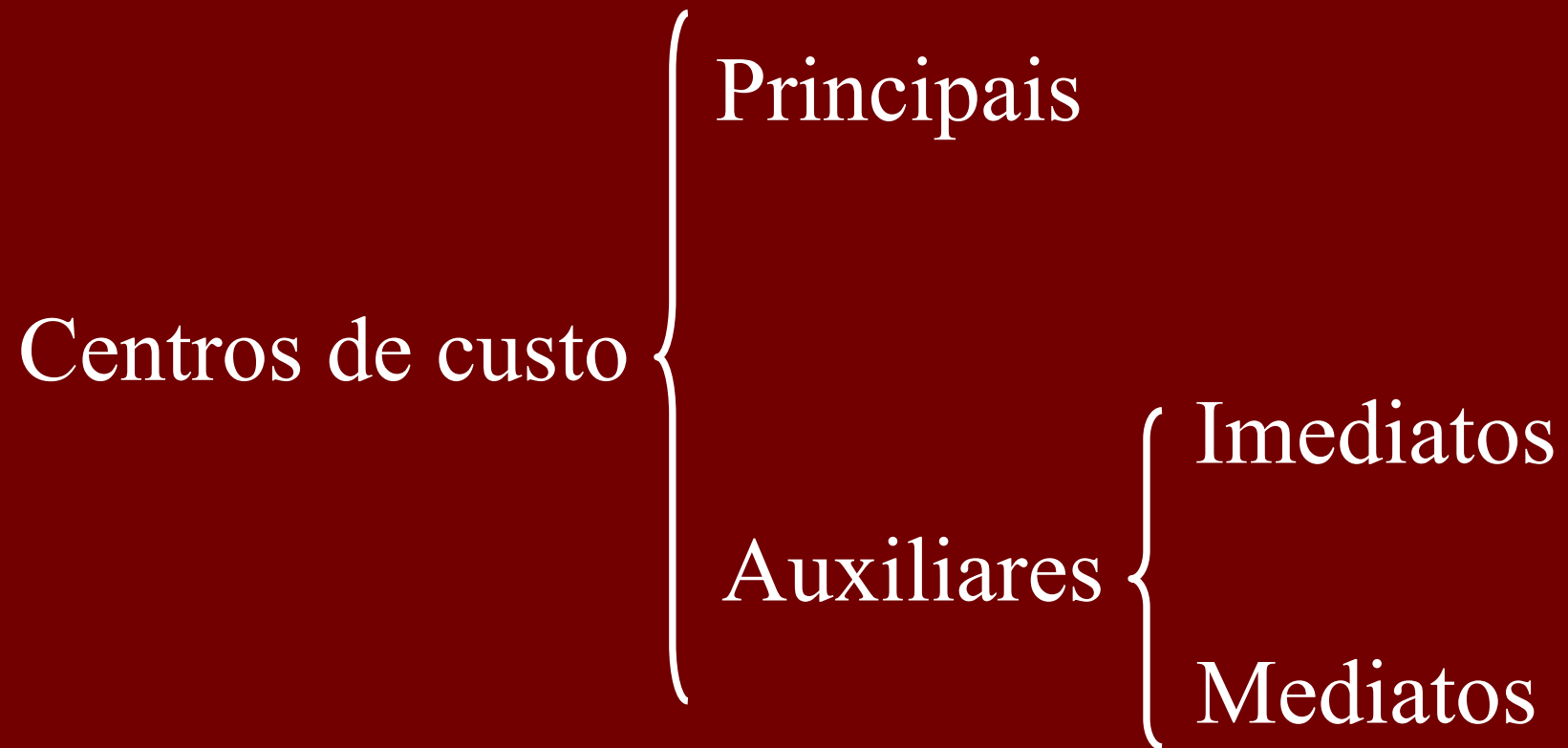
DECOMPOSIÇÃO DOS CENTROS DE RESPONSABILIDADE EM CENTROS DE CUSTOS





CENTROS DE CUSTOS

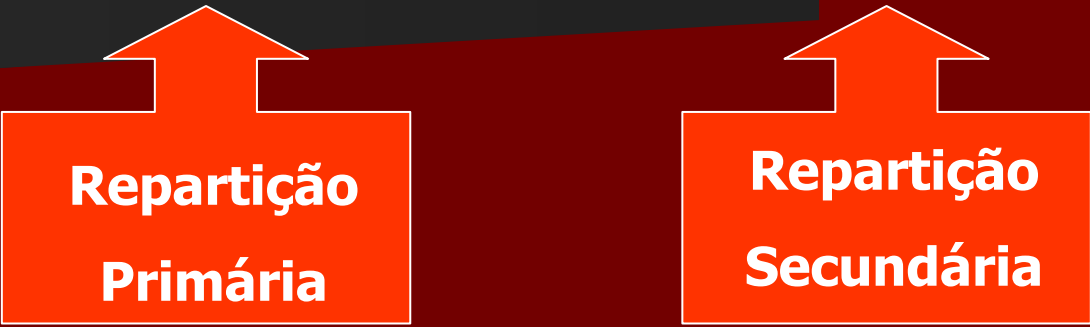
Classificação das secções homogéneas



Aplicação do método das secções

- 1. Classe 6**
- 2. Repartição Primária**
- 3. Repartição Secundária (Reembolsos)**
- 4. Custo total da secção**
- 5. Custo unitário das unidades de obra**
- 6. Custo de produção**
- 7. DR**

$$\text{CT Secção} = \text{CD Secção} + \text{Reembolsos}$$



**Repartição
Primária**

**Repartição
Secundária**

Total Actividade $\times$ cuuo = CD + Actividade cedida por outra secção $\times$ cuuo da outra secção

Mapa do custo das secções

Descrição	Unid Fís.	Custo unit.	Secção A		Secção B		Total
			Q	Valor	Q	Valor	
1 – Repart. Primária							
Amortiz.							
Seguros							
....							
Total							
2 – Repart. Secund.							
Secção ...							
Secção ...							
Total							
3 – Custo total							
Global							
Natureza U.O.							
Quantidade U.O.							
CUUO							

Mapa do custo de produção

Descrição	Unid Fís.	Custo unit.	Produto 1		Produto 2		Total
			Q	Valor	Q	Valor	
1 – Matérias directas							
Matéria X							
Matéria Y							
Total							
2 – M.O.D.							
...							
Total							
3 – G.G.F.							
Secção A							
Secção B							
Total							
4 – CI							
5- Eipvf							
6 – Efpvf							
7 - CIPA							